

# O Assistente ao Emigrante



Órgão do Sindicato Nacional dos Empregados da Assistência aos Emigrantes em Navios Estrangeiros do Distrito de Lisboa

Redacção e Administração

— RUA DE S. PAULO, 216-2.º —  
TELEFONE 28605

DIRECTOR: Bernardino dos Santos  
EDITOR: Cesário dos Santos Monteiro

Propriedade do S. N. E. A. E. N. E.

Composição e impressão:

CALÇADA DOS CAETANOS, 18  
TELEFONE 21450

## BARRA FORA... A MISSÃO DE ASSISTÊNCIA BARRA FORA...

Dr. Albino Tavares  
de Almeida

Embora tardiamente, publicamos na nossa segunda página um extrato da palestra que este ilustre clínico pronunciou na nossa sede em Junho último.

### As palestras sindicais

Já aqui acentuámos por mais de uma vez, o êxito que teve a iniciativa das palestras para aperfeiçoamento técnico e moral da classe.

Resta dizer que essa realização tem prosseguido sem interrupção, acolhida com entusiasmo sempre crescente traduzido na concorrência cada vez mais numerosa que ocorre a escutar a voz dos vários oradores.

No mês de Julho realizaram mais duas palestras os nossos associados Artur José Pereira enfermeiro distinto e competente e Alexandre Ramos, também enfermeiro.

O primeiro daqueles colegas dissertou sobre «O alcool e suas consequências» e manda a verdade dizer que foi feliz na escolha do tema.

O nosso secretário da direcção houve-se com brilhantismo, empolgando e comovendo a assistência com a citação de casos de alcoolismo inveterado, descritos com eloquência, num improviso merecedor das palmas e cumprimentos que recebeu no final. No próximo número publicaremos um extrato da sua lição.

O outro colega que palestrou foi Alexandre Ramos, que leu o trabalho que publicamos na íntegra, noutra página, ouvido com atenção e recebendo no fim bastantes palmas.

### Movimento de pessoal

Reentrou ao serviço, do qual se encontrava afastado na situação de licença, o nosso presado colega, enfermeiro, Manuel Lopes.

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

## AO EMIGRANTE

Está dito e redito que a nossa classe, na sua essência uma classe de marítimos, como a dos navios nacionais, tem uma especial missão, que faz com que se afaste das outras, merecendo um tratamento distinto, como de resto já o conquistou por espontânea resolução de quem tinha por missão reconhecê-lo.

O empregado de assistência ao emigrante, quer seja criado ou enfermeiro, tem além das funções próprias da profissão, uma missão moral e simbólica que faz dele mais qualquer coisa que um criado ou enfermeiro, no significado puro destes termos.

Ele é o representante da Nação, o agente de um serviço humaníssimo, o símbolo de uma acção tradutora de sentimentos elevados. E isto é que é necessário que todos compreendam, associados ou estranhos.

Proteger o emigrante, aquêle que durante anos foi o principal drenador do ouro que chegava à Pátria, rodea-lo do conforto moral que a presença dos patrícios infunde, quando se vê estranho e boquiaberto nas ilhas flutuantes que são os grandes transatlânticos; fazer sentir-lhe a mão amiga da Pátria nos momentos tristes das viagens, quando o sol se esconde no infinito em assombroso clarão de fogo, e a alma se vai ensombrando de tristezas ao recordar a aldeia distante, os parentes e os amigos lá tão longe...

Ouvir falar português, ser servido por portugueses, tratado por portugueses e comendo comida portuguesa, é consolador e torna mais agradável, mais leve e suportável, o abandono da Pátria.

E é então que o empregado de assistência se despe da sua profissão, para ser o amigo o conselheiro, mandado ali pelo Estado na missão sacrosanta de amparar e enxugar alguma lágrima rebelde de saudade.

O empregado de assistência ao emigrante terá de ser tudo isto, terá de compreender o segredo oculto destas dores, terá de sentir estes sentimentos, para ser um funcionário como deve ser.

Nêle reside o estímulo e o exemplo para o emigrante, e além disto ele é o representante de Portugal, e Portugal sempre se impôs no convívio com o estrangeiro.

Eis a missão do empregado de assistência ao emigrante, já aqui relatada mais que uma vez.

Como pode esta missão de assistência ao emigrante desempenhar-se, com elementos onde há de tudo — de melhor a peor? Como pode exercer-se uma assistência capaz com pessoal na sua metade incapaz de a compreender e executar?

E como o absurdo ressalta rápido aos olhos de todos, uma coisa se impõe: a selecção gradual desses elementos, o afastamento dos que não são aptos e o aperfeiçoamento dos adaptáveis.

Tudo se deve fazer sem violências, sem prejuízos, sem ferir fundo os interesses da finalidade a atingir nem os dos próprios empregados.

E já agora vem a talhe de foice recordar que a questão da arrumação e afastamento dos velhos existentes na classe, ainda se encontra por resolver dentro das repartições competentes... e tudo continua como dantes.

## Como se cumpre o dever

O vapor «Roma» saído de Lisboa em 11 de Junho, embarcou aqui pessoal de assistência ao emigrante, pessoal que era destinado ao vapor «Vulcania».

Esse pessoal desembarcaria do «Roma» em Gibraltar, onde aguardaria durante 5 dias a chegada do «Vulcania».

Sucedeu, porém, (e estas coisas estão sucedendo com uma frequência lamentável) que a agência daquêles navios em Gibraltar se recusou a abonar ao pessoal alimento e alojamento, na ignorância, sincera ou premeditada, da lei, e certamente aquêles associados teriam passado um mau pedaço, se o Ex.º Sr. médico-chefe da equipe Dr. José Anahory Leite Perry, não se impuzesse, fazendo valer para os seus subordinados as regalias que por direito legal lhes pertenciam.

Embora tivesse apenas desempenhado o seu dever como chefe, a atitude do Dr. Leite Perry merece elogios.

## Doentes

Encontra-se internada na Maternidade Magalhães Coutinho, gravemente enferma, a nossa presada colega Idalina Eugénia, a quem desejamos rápido restabelecimento.

## A Secção do Funchal

Por absoluta falta de espaço somos obrigados a retirar o original respeitante a este assunto.

Não quer dizer, porém, que o assunto tenha caído no esquecimento, ou que tenha enfraquecido a nossa actividade para a fundação da secção, e muito menos ainda as diligências para a melhoria da situação daquelas duas dezenas de colegas, que arrastam dificuldades sem par.

Não está na índole dos dirigentes desta colectividade desistir a meio quando o fim que se pretende atingir é nobre e humano.

Com a razão, com vontade e persistência havemos de vencer.

## A PALESTRA

## Do Sr. Alexandre Martins Ramos

Minhas senhoras  
e meus senhores:

Não devia ser a pessoa indicada para vir aqui a esta nossa casa dizer-vos algumas palavras à guisa de palestra porque, há nesta família que somos todos, outros sócios com mais competência do que eu para o fazer.

Porém, convidado por o digno Presidente da Direcção Sr. Bernardino dos Santos acedi, pedindo-vos antecipadamente que aceiteis os meus melhores agradecimentos por terdes vindo e que de futuro continueis a vir para assistirdes a outras palestras que a esta se seguirão porque, alguma coisa de útil aproveitáveis, disse fico certo. Resolvi passar ao papel aquilo que vos vou dizer para não me espraçar muito, evitando, assim, tomar-vos mais tempo. Não escolhi tema. De tudo que se relaciona com o nosso «metier» vou falar um pouco. Se me permitis começarei por falar de enfermeiros de ambos os sexos. O enfermeiro é um profissional que pelo seu saber e pelo cargo que desempenha devia ser consciente e conduzir-se melhor. Nas suas relações com tripulantes e passageiros deveria manifestar inteligência e cultura, ser afável correcto e honesto. No exercício da sua profissão demonstraria saber aptidão, técnica e desinteresse por hipotéticas remunerações ou gratificações já mais tratando-se de emigrantes portugueses. Apresentar-se-ia sempre limpo, decente, bem ataviado. Há, felizmente, enfermeiros de ambos os sexos, embora em menor número que são dignos sob todos os pontos de vista. Desses não falo presentemente. Refiro-me ao maior número aquêles e principalmente aquelas que com o seu condável procedimento de todos os dias bastante têm comprometido a classe e prejudicado o seu bom nome e reputação bem como do Sindicato a que pertencemos. Tenho dito e não é demais repeti-lo: o enfermeiro, após o seu curso, deve continuar a estudar: deve sempre reler os seus livros do curso adquirir outros que lhe desenvolvam mais a inteligência, o saber, e lhe forneçam matéria nova: deve procurar ler revistas científicas, formulários, etc. para sempre estar habilitado a bem se desempenhar da sua missão e assim adquirir a confiança, estima e consideração tanto dos médicos como dos indivíduos com quem conviva ou trate. Não deve, portanto, ser como os automatados que fazem sempre os mesmos movimentos.

Exige a profissão conhecimentos vastos.

realizada em  
28 de Julho

Muito, mas mesmo muito, eu teria a dizer mas reconheço que vos maço, abstando-me, portanto.

Heis a razão porque na última Assembleia Geral eu tive a honra de dizer que o enfermeiro tem o dever profissional e moral de saber noções gerais de anatomia, de fisiologia, de astrologia, de osteologia e de miologia. Eu sei e vós sabeis melhor do que eu, presados consócios, que lamentavelmente temos no nosso meio indivíduos de ambos os sexos (predominando o sexo feminino) que nada ou muito pouco sabem da profissão, e que, apesar disso, não procuram saber estudando e lendo. O resultado é fácil de prever. O emigrante de hoje (salvo poucas excepções) não é o mesmo de há 15 ou 20 anos atrás. O emigrante de hoje põs de parte o chapéu braguês, a jaqueta, a calça à boca de sino, as botas cardadas e grosseiras e pau ferrado. O emigrante de hoje é um indivíduo com alguma cultura, havendo-os bastante cultos. Quantas vezes, vendo o enfermeiro ou a enfermeira vai ao seu encontro e, usando de linguagem médica provoca uma conversação sobre a fisiologia de diversos órgãos do corpo humano?

Outras, fala-nos da afecção de que sofre, localizada no «colou transverso»: outras, porque o seu «pâncreas» segregava muito pouco «suco pancreático»: outras porque o especialista que consultou lhe disse que o seu fígado, ali, ao lado, no «hipocentro direito» estava bastante «hipertrofiado»: e, ainda outras, porque tem dificuldade em fazer os movimentos de inspiração e de prolongamento «torácicos»; que uma radioscopia lhe revelou uma «pericardite»; e ser devido a esse facto que sente tal incomodo, etc., etc. Suponham presados consócios que figura fazia um enfermeiro ou uma enfermeira a quem fossem feitas estas e outras perguntas; que triste idéa daria do seu saber e competência profissional e, então, sómos obrigados a riscar da colecção o aforismo que diz «o hábito faz o monge» ou então admitamos o caso do sábio matemático Einstein que discutiu com um condutor de carro electrico por causa do trôco, cujo condutor,

por resposta, lhe voltou as costas. Em determinado ponto o sábio apeia-se e alguém ao lado disse ao condutor que aquêlê senhor era o sábio matemático Einstein. Ah, então não me admira que não saiba fazer contas de somar respondeu o condutor. Cabe agora a vez de falar, ou de dizer em poucas palavras sobre ajudantes de ambos os sexos. Estes consócios são empregados pelos quais eu tenho dado provas de simpatia, de consideração e de respeito. São tão necessários como quaisquer outros, funcionários.

Há-os que interpretam o seu papel a rigor, que são simples e modestos, e portanto procedem e se desempenham das suas funções como ajudantes de enfermagem que são. São valiosos auxiliares do enfermeiro, obedientes e respeitadores. Para eles vai toda a minha simpatia e os meus melhores agradecimentos. Porém, quero fazer referência especial aos outros. Todos nós sabemos que os actuais ajudantes de enfermagem foram os antigos «enfermeiros autorizados» salvo um ou outro.

Com o rodar do tempo adquiriram alguns conhecimentos de enfermagem, muito embora superficiais e, por esse facto, quando embarcam com uma enfermeira ignorante da profissão, dizem-se e promovem-se a «enfermeiros» com pleno conhecimento dos médicos respectivos, o que, bem ponderado, até certo ponto é tolerável, se comigo estão de acôrdo. Contudo, devo dizer-lhe a culpa de o ajudante de enfermagem desempenhar simultânea e automaticamente duas funções, uma a que lhe advem do cargo e a outra, falsa e transitória, devido à enfermeira ser «verbo de encher» é dos médicos da Assistência por nos seus relatórios não informarem os seus superiores. Talvez que devido à sua dupla qualidade, naquêlê caso, o ajudante, de enfermagem sem respeito pelo que está legislado nem por os profissionais passarem a usar uniforme emblemas e distintivos iguais aos dos enfermeiros e não digerem bem o qualificativo de ajudante.

Quando entram a bordo dizem-se logo «praticantes» para que lhes destinem a cabine do en-

fermeiro, ocultando a credencial que lhes é entregue na P. V. D. E. e que designa a sua qualidade como tripulante. Não os censuro por procurarem fazer a viagem com um pouco mais de comodidade e de conforto: a minha censura e dos meus colegas de facto, vai para aquêles que se não conformam com a designação da sua qualidade, dizendo-se enfermeiros, e que usam abusivamente um uniforme, emblema e distintivos iguais aos dos enfermeiros. Disse algumas coisas sobre enfermeiros e ajudantes de enfermagem de ambos os sexos. Oxalá estas minhas considerações sejam tomadas na devida conta por aquêles e aquelas que até hoje ainda se não convenceram de que, segundo a categoria de cada um, têm que ser modestos, têm que cumprir deveres sociais e profissionais para cujo desempenho são necessários o saber, a boa educação e conduta, carácter são, inteligência cultivada e disciplina. Que tudo quanto fica dito e vou dizer, lhes sirva de estímulo. Agora vou falar-lhes do empregado da Assistência, duma forma geral.

O médico é a bordo o chefe do pessoal de assistência aos emigrantes. Como inspector, como médico e como chefe tem deveres a cumprir fixados superiormente.

É a autoridade a quem devemos dirigir exposições ou reclamações quando as julgemos fundadas quer digam respeito a um ou mais empregados da Assistência. Porém, não as devemos apresentar de animo leve, precipitada e irreflectidamente.

Felizmente entre alguns consócios de mentalidade medíocre há alguns com inteligência desenvolvida e portanto, sensatos e ponderados. Sempre, ou quasi sempre, há entre os primeiros, um nestas condições; assim sendo, tôdo aquêlê que tivesse que expôr ou reclamar deveria pedir-lhe a sua opinião. Isto não ficaria mal fôsse a quem fôsse; seria até uma manifestação de solidariedade: não seríamos humanos se não errassemos, para o que tôdos temos tendência.

Aquêlê médico, inspector e chefe devemos respeito, acatamento e obediência, tanto como homem como chefe. O enfermeiro é o cooperador do médico e portanto do chefe. Pela função social que exerce, como homem por o seu saber e por a sua categoria, deve ser tratado com respeito e consideração tanto por o ajudante de enfermagem como por o restante pessoal. A confiança que possa haver entre o enfermeiro ou a enfermeira e os outros empregados da Assistência

nunca deveria ir até à intimidade porque, infelizmente, ainda não atingimos aquêlê grau de perfeição que seria para desejar, para sabermos conservar as devidas distâncias. Dessa falta de compreensão, segundo o meu critério tem partido más vontades, despeitos, intrigas, questões e faltas graves de respeito cujos resultados, bem lamentáveis, terminam ou têm terminado por penalidades disciplinares. Estas palestras, felizmente iniciadas por o Sr. Presidente da direcção ainda que vos não pareça, são muito úteis, muito necessárias, pois que aquêla máxima «água mole em pedra dura» tem agora e sempre muita oportunidade; seriam dispensáveis, se todos estivessemos pela educação à altura de compreender os deveres sociais.

Quasi a meio do século xx, em civilização estamos muitos distantes dalguns povos que há poucos anos julgavamos atrasados. Enquanto em outras nações os seus naturais frequentam os meios onde se instruem e se educam sem muitos déles para isso gastarem um centavo, nós (salvo excepções felizes) vamos-nos embriagar para a taberna, para as «hortas» ou em casa, ou seja arruinarmos a saúde embrutecer o espírito, embotar os sentimentos da dignidade e da honra, adquirindo uma tara que vamos transmitir aos nossos descendentes, tornamo nos maus, de génio irascível, conflituosos, e concorremos para a nossa ruína e incapacidade física e para o depauperamento da raça.

Como bebida alcoólica, devemos de usar em nossas casas a quantidade de vinho julgada indispensável e a bordo, a que a lei fixa, às horas das refeições.

Devemos de evitar o uso e abuso de outras bebidas nas quais o álcool entra disfarçado sob outros nomes. Não se esqueçam e digam-o aquêles que por várias circunstâncias aqui se não encontram que o alcoolismo agudo é uma simples embriaguês, mas que mata em muitos casos, e que o alcoolismo crónico produz lentamente accidentes terribes atacando de começo as vias digestivas, glândulas e todo o sistema nervoso. Quando tomado o vinho em pequenas doses e às refeições é um auxiliar da digestão e até um alimento. Nas nossas relações com os nossos camaradas de ambos os sexos devemos de tratar-nos como irmãos que somos quer pela nacionalidade quer por sermos officiais do mesmo officio, como é de costume dizer-se, quer por sermos componentes de um Sindicato que se torna necessário prestigiar e honrar como obra magnífica do Estado Novo. Nas nossas relações com passageiros, chefes e outros tripulantes do navio onde nos encontramos devemos de usar de maneiras distintas, de delicadeza de linguagem, de honestidade e de correção pois só é desrespeitado ou desconsiderado todo

aquele ou aquela empregada que se não sabe conduzir, que se familiariza de fórma a ultrapassar os limites próprios. Devemos de cumprir e executar todas as ordens que nos sejam dadas (desde que não sejam exageradas, absurdas, e se não veja nelas actos de prepotência) não nos permitindo discuti-las ruidosamente como quasi sempre acontece, bem como os serviços que a cada um foi destinado, sempre por fórma a não merecer censura ou repreensão.

Devemos manter inalterável boa camaradagem e fraternidade; auxiliarmo-nos mutuamente, sendo obrigação moral daquêles que são inteligentes, instruidos e portanto de fácil compreensão corrigir os defeitos e apontar os erros daquêles camaradas que por ventura teimem em seguir velhas rotinas. Devemos evitar discussões, atritos, calúnias, intrigas, insultos, palavras obscenas e a mentira que prejudica. Tudo isto terminaria desde que cada um se convencesse de que deve existir o respeito mútuo, de que nos encontramos a bordo de um barco estrangeiro, e de que somos portugueses, filhos de uma nação culta, civilizada, que disso através dos séculos tem dado sobejas provas ao mundo e de que temos um grande passado que é preciso respeitar. Devem terminar de uma vez as hostilidades, os antagonismos, os degradantes espectáculos de todos os dias que quasi sempre começam por coisas de «lanacaprina» que nos envergonham, que nos deminuem e vexam e colocam-nos, na opinião dos outros, no mesmo nível dos povos atrasados.

É preciso valorizar-nos individual e colectivamente. Entremos francamente em uma era de paz, de harmonia, de boa camaradagem de fraternidade e de solidariedade. Devemos de adquirir hábitos higiênicos como, por exemplo, barbear-nos todos os dias, cuidar com esmero do calçado e roupas próprias para o desempenho das nossas funções, das quais transpire aceio e torne agradável a nossa presença. Devemos vestir-nos com uma certa elegância e modificar o aspecto fisionómico sombrio, carrancudo, que alguns consócios apresentam a bordo dando a impressão de forçados. Temos obrigação de ser alegres e comunicativos para sermos saudáveis e para não desmerecermos daquêlê aforismo francês «Les portugais sont toujours gai».

Devemos, como já disse, cada um dentro da sua função desempenhar-se o melhor que souber e poder dos seus serviços por fórma a satisfazer completamente tanto os respectivos chefes como os passageiros, pois que assim adquirimos a sua confiança e estima. Devemos, ainda, procurar ampliar os nossos conhecimentos profissionais e abandonar hábitos velhos. Reabilitemo-nos e conduzamos pelo exemplo

algum «Cego» que até agora ainda não quizesse ver. É preciso traçar e seguir novo caminho e então os nossos superiores modificarão a sua opinião a nosso respeito formada, e teremos direito ao respeito, à consideração e estima de todos aquêles de quem dependemos e com quem convivemos. Propositadamente reservei para o fim da minha palestra algumas palavras que são dedicadas à mulher empregada da Assistência em particular. A mulher, seja qual for a sua categoria idade ou estado deve ser tratada com deferência e respeito. Todos nós ou quasi todos temos uma esposa que nos ajuda qual cerineu a levar a nossa cruz, que nos suavisa as nossas dores e a nossa vida que nas horas de desalento nos incute animo para continuarmos a lutar pelo pão quotidiano, que é mãe dos nossos filhos e todos temos ou tivemos mãe. É um ser frágil e delicado; por êsse facto, ainda mais direito tem ao nosso respeito a protecção. A mulher é aquilo que nós queremos que ela seja. O nosso dever, o dever dos homens é ampara-la e não a auxiliar na queda. Alguem disse que a água que corre da fonte é limpa: quem a suja é quem nela se sacia. Daremos-lhe o nosso conselho leal e desinteressadamente: não devemos ver na mulher, nossa consócia ou não, um objeto de gôso para satisfação dos nossos instintos, mas sim uma irmã.

A bordo ou seja onde for que nos encontremos em presença da mulher, evitemos a linguagem grosseira, as palavras insultuosas, agressivas, impróprias de carroceiros e muito menos de nós, palavras que ofendem o seu natural pudor e o sentimento da dignidade e que são atentorias dos bons costumes. Não há nada que desculpe tão grande falta de respeito. Usemos para com ela de cortezia e de afabilidade. Sejam para com ela atenciosos e delicados. Amparemo-la e, como o seu coração é impressionável como a cera, ela saberá ficar-nos reconhecida e nós ficaremos com a consciência do dever cumprido para com a mulher mas é preciso que a mulher faça por merecer êstes meus conselhos e considerações. Resta-me, para terminar, apresentar igualmente os meus agradecimentos ao consócio Sr. Bernardino dos Santos pelo convite, e felicitá-lo por em boa hora ter dado início a estas palestras as quais, como já disse, são absolutamente necessárias, para fazer-se de alguns consócios o mesmo que o lapidário faz às pedras preciosas, lava-as, tira-lhes as arestas, aperfeiçoa-as, valorizando-as.

E agora, presos consócios, peço-vos que á memoria do meu digno colega recentemente falecido Manuel da Conceição Pinheiro guardemos, de pé, um minuto de silêncio.

## Um agradecimento

*Dos nossos associados e amigos Julio Correia Felix e José Maria dos Santos Pereira, recebemos, com o pedido de publicação a seguinte carta:*

*Ex.<sup>mo</sup> Sr. Director.*

Permita-nos V. Ex.<sup>a</sup> que solicitemos a publicação no nosso *Assistente ao Emigrante* de um justo e merecido agradecimento ao nosso bom amigo e Presidente da Direcção, Bernardino dos Santos, pelas delícias empregadas em Lisboa e Buenos-Aires, no sentido de vermos resolvida — como o foi — uma difícil situação da nossa vida, para a qual não concorremos, e que graças à intervenção daquêlê nosso amigo e ao apoio da direcção do Sindicato, ficou esclarecida por completo, com bastante honra para nós que vimos assim prestada justiça à nossa inocência.

Que nos perdoe aquêlê colega e amigo se vamos ferir a sua habitual modéstia, mas entendemos ser nosso dever tornar público o nosso agradecimento a actos que impõem a organização, e que são prova de uma solidariedade, infelizmente bem rara.

Com os nossos agradecimentos, subscrevemo-nos com consideração.

*Julio Correia Felix*

*José Maria Santos Pereira*

## Sejam amigos do Sindicato

Só quem não conhece de perto os sacrificios que as direcções sucessivas têm feito, tudo para engrandecimento do nosso Sindicato, como quem diz, para o engrandecimento da classe, poderia duvidar um momento sequer do sacrificio já feito.

Digo isto com máguia, por ver camaradas nossos criticar, uns inconscientemente e outros com consciência, maldizer daquilo que nunca foram capazes de fazer.

Tenho notado, que os maldizentes, são quasi sempre aquêles que nada fizeram; tenho bem na mente, que durante aquêles penosos primeiros dez meses, andaram tratando da sua vida, e só apareceram depois de tudo feito.

Não servem estas palavras para todos, felizmente. Temos muitos bons camaradas, com a compreensão devida do sacrificio feito; são êstes os animadores do prosseguimento da luta.

É preciso não esquecer, camaradas, que devemos ao nosso Sindicato, a garantia do nosso pão e das nossas famílias, por isso não nos devemos preocupar com intrigas, que de nada servem, a não ser para nos desacreditar aos olhos dos nossos superiores.

*Ferreira de Brito Frutuoso*

## O Dr. Albino Tavares de Almeida

### Fez na nossa sede uma brilhante palestra que foi uma lição e um incentivo para a classe.

Perante uma assistência bastante numerosa, talvez a totalidade dos associados que se encontrava em terra, pronunciou o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Albino Tavares de Almeida, a sua anunciada palestra.

A categoria do conferencista, o lugar que desempenha nos serviços de emigração, sem esquecer que S. Ex.<sup>a</sup> desempenhou com muito brilho, provisoriamente, o lugar de Inspector Médico em terra, e ainda as suas brilhantes qualidades de inteligência e afabilidade, eram razão suficiente para justificar a grande concorrência que a sua palestra provocou.

De facto, a expectativa não foi iludida, porque o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Albino Tavares de Almeida foi de uma clareza e fluência extraordinária, constituindo a sua palestra uma benéfica lição para a classe, que muito desejaríamos ver seguida por outros Ex.<sup>mos</sup> médicos dos serviços de emigração.

Começou S. Ex.<sup>a</sup> por se referir à iniciativa da Direcção em promover tais palestras, iniciativa que apelidou de muito feliz e útil, porque assim se proporciona ao associado uma série de conhecimentos muito valiosos para a profissão e para o bom êxito do fim que determinou a criação dos serviços.

Depois, aludiu ao prazer com que recebeu o convite para vir à nossa sede, casa de trabalhadores onde êle se sentia bem porque também se considera trabalhador como nós.

Em vista de a Direcção lhe ter dado ampla liberdade de escolha do tema, refere S. Ex.<sup>a</sup> que preferia abordar não um assunto em especial para todos em geral, embora resumidamente.

Tendo chegado de viagem viu no «Assistente ao Emigrante» o programa das palestras, por êste programa se ia guiar.

Entrando no assunto focou S. Ex.<sup>a</sup> em palavras repassadas da mais clara verdade a situação da classe, antes da formação do sindicato nacional, historiando as condições de vida e trabalho do pessoal nessa época, o que fez com autoridade e competência notáveis.

Naquela altura o pessoal, especialmente os criados, embarcavam por favor, mas hoje felizmente tudo mudou, aconselhando a massa associativa a fazer do Sindicato uma escola, para que todos se compenem de vez da missão nobre que lhes incumbem.

Falando de solidariedade, S. Ex.<sup>a</sup> estabeleceu êste paralelo: supunhamos um enfermeiro que

aprendeu a fazer um tratamento ou fazer uma ligadura que lhe deu bom resultado. Se fôr bom colega deve indicar êsse processo de trabalho aos seus colegas, podendo até convocar os que se encontram em terra para dentro da sede do Sindicato discutirem o assunto com êles, de forma que todos fiquem sabendo a forma nova de realizar determinado trabalho.

Quanto aos criados, pode empregar-se o mesmo princípio, alegando que também entre êles deve existir muita solidariedade, e além desta o mútuo auxílio de aperfeiçoamento. Citou que as 3.<sup>as</sup> classes dos barcos de hoje são pelo seu conforto e luxo, classes onde o criado deve esmerar-se no trabalho.

Abordou em seguida o Excelentíssimo Sr. Dr. Albino Tavares de Almeida, sempre escutado com o maior interesse e por vezes interrompido com exclamações de aprovação, o problema da disciplina. Contou vários casos, uns passados com êle e outros de que teve conhecimento, bastantes edificantes. Nalguns, como inspector teve de intervir, e quasi sempre essa intervenção foi em favor dos associados, muito embora reconhecesse serem êles os culpados e prevaricadores.

Aconselha o pessoal a ser obediente aos seus chefes, única forma de tudo decorrer em paz e fraternalmente, no interesse dos serviços e do próprio pessoal.

Afirmou, depois de ter superficialmente abordado vários casos, a necessidade de promover o aperfeiçoamento moral da classe, especialmente o carácter, que é forçoso reconhecer não ser o melhor, aparte uma ou outra excepção.

Da necessidade de dignificar a Nação, disse o Dr. Albino Tavares de Almeida que todo o português que não procure defender Portugal seria um mau homem. Afirmou que a melhor forma de dignificar a Pátria provem do comportamento que cada um tenha a bordo e em terra estrangeira.

Entrou depois na apreciação daquela parte do programa que trata dos alojamentos do pessoal, a bordo. Aqui o orador espraçou-se com larga soma de argumentos e a contagem de alguns casos passados com êle, para concluir por dizer que nem sempre o pessoal pode obter tudo o que pretende nesta matéria, cabendo, no entanto, aos médicos inspectores deliciar-se obter o maior número de vantagens para os seus subordinados. Êle, disse, por sua parte tem sempre assim procedido.

## Licenças ilimitadas

Para conhecimento dos associados se publica o officio da Inspeção dos Serviços de Emigração, n.º 193, de 22 de Julho último, no qual se transcreve o despacho do director da P. V. D. E., publicado na Ordem n.º 193, de 12 de Julho:

«LICENÇAS — Que não fazendo parte do funcionalismo civil o pessoal do quadro dos Serviços de Assistência aos Emigrantes e havendo pessoal dos mesmos serviços que requiere passagem á situação de licença ilimitada, não existindo no Regulamento respectivo ou em qualquer outro diploma legal, disposição que tal consinta, se publica, para os devidos efeitos, que de futuro, o referido pessoal deverá requerer em vez de licença ilimitada, licença de um ano, durante o qual a mesma não poderá ser interrompida, ainda que ao interessado assim convenha. Decorrido êste prazo poderá regressar ao serviço ou requerer nova licença, igualmente pelo periodo de um ano.»

Quer dizer que as licenças ilimitadas não são jámais concedidas. Apenas se autoriza o máximo de um ano de licença que pode ser renovada por mais outro ano.

Durante o periodo de licença, o associado não pode retomar o serviço sem que a tenha terminado.

Claro é que as licenças de poucos dias ou um mês nada têm que ver com esta determinação.

## Escala de Vapores

durante o mês de Agosto de 1938

PARA O SUL:		
Dias	Vapores	Cais
2	Hig. Patriot . . . . .	Alcantara
4	Saturnia . . . . .	Rocha
9	Alcantara . . . . .	Alcantara
10	Jamaïque . . . . .	Alcantara
10	Antonio Delfino . . . . .	Rocha
16	Higland Monarch . . . . .	Alcantara
16	Hilary . . . . .	Rocha
23	Almazora . . . . .	Alcantara
24	Madrid . . . . .	Alcantara
26	Groix . . . . .	Alcantara
27	Massília . . . . .	Rocha
29	Vulcania . . . . .	Alcantara
30	Hig. Chiefetain . . . . .	Alcantara
31	General Osório . . . . .	Alcantara
		Toca no Porto
		Toca no Porto
		Toca no Porto
		Toca no Porto
		Toca no Porto
		Toca no Porto
		Toca no Porto
		Toca no Porto
		Toca no Porto
		Toca no Porto
PARA O NORTE:		
Dias	Vapores	Cais
5	Madrid . . . . .	Alcantara
6	Almanzora . . . . .	Alcantara
7	Vulcania . . . . .	Alcantara
7	Hig. Chiefetain . . . . .	Rocha
8	Formoze . . . . .	Rocha
12	Asturias . . . . .	Alcantara
15	General Osório . . . . .	Alcantara
15	Cap Arcona . . . . .	Alcantara
19	Cap Norte . . . . .	Alcantara
21	Satúrrria . . . . .	Alcantara
21	Anselm . . . . .	Alcantara
21	Hig. Princess . . . . .	Rocha
21	Lipari . . . . .	Rocha
27	Monte Sarmiento . . . . .	Alcantara

Sobre hierarquia do pessoal a bordo disse haver no serviço a bordo apenas um chefe: o médico inspector. Como cada um tem o seu serviço distinto dos outros, não há atrito de hierarquia, visto para todos apenas existir um chefe.

Ao terminar a sua brilhante palestra, o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Albino Tavares de Almeida exortou os associados a unirem-se em volta do seu sindicato, declarando-se encantado com tudo o que viu na nossa sede, para cujos serviços teve palavras de louvor, e felicitando a direcção pela iniciativa.

Ao terminar, a assistência aplaudiu as últimas palavras do orador com uma vibrante manifestação de carinho.